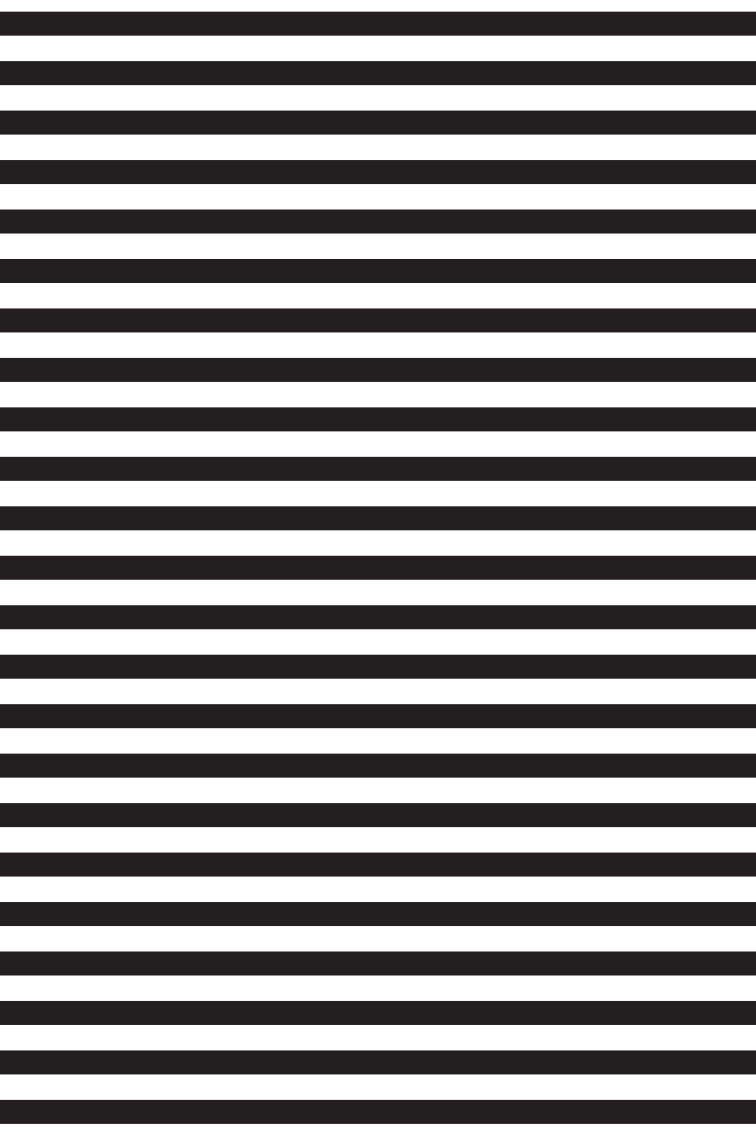
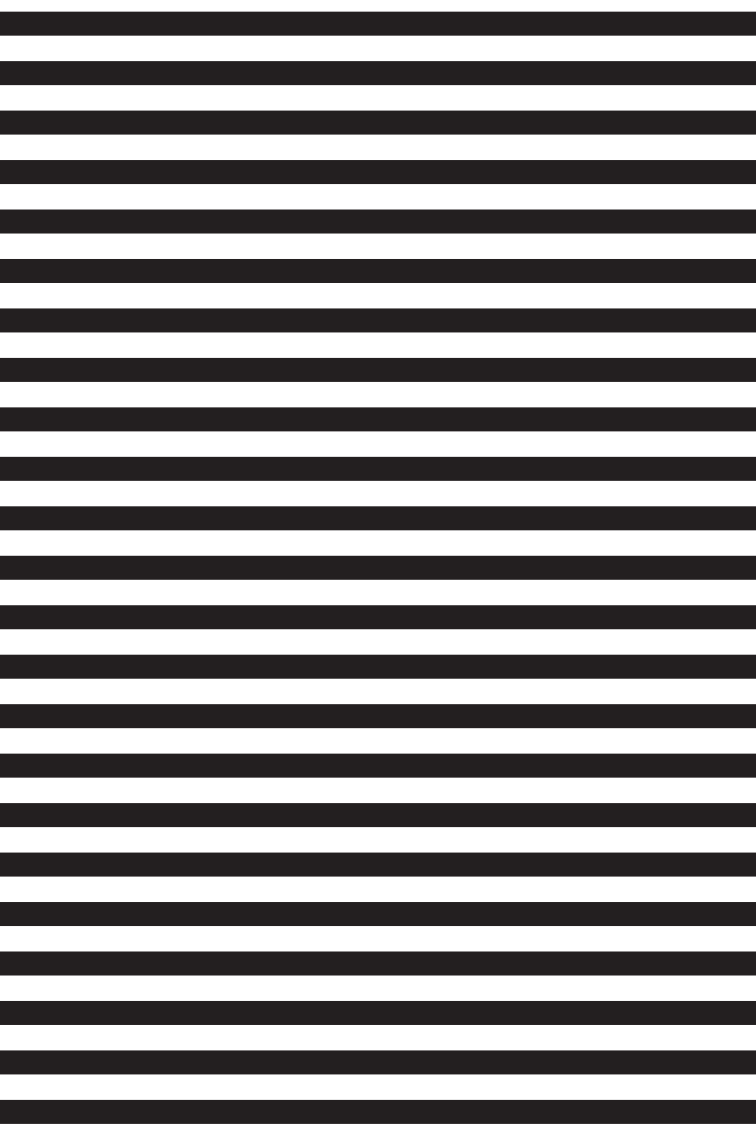


MANIFESTO

por uma cidade lúdica e coletiva.
por uma arte pública, crítica e poética.

Poró









Atribuição-Use não-comercial 3.0 Brasil
www.creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/

Este livro pode ser utilizado, copiado, distribuído, exibido ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia, desde que não tenha objetivo comercial e sejam citados os autores e a fonte.

MANIFESTO

por uma cidade lúdica e coletiva.
por uma arte pública, crítica e poética.

Trabalhamos juntos desde 2002 e a cidade tem sido sempre o principal tema de nossas proposições. É na cidade que encontramos e de onde extraímos, matéria poética para a construção de obras que visam, entre outras coisas, ressignificar os espaços urbanos com proposições poéticas e/ou de cunho político.

Neste texto em forma de manifesto desejamos apresentar um pouco de nossas inquietações em relação aos processos urbanos contemporâneos e propor um modo de fazer arte mais aberto e relacional.

Uma cidade para todos

A cidade não é o lugar do consenso. É o lugar do encontro com a diferença, onde as várias opiniões, opções e os jeitos de ser convivem e criam um ambiente fértil e criativo. Um ambiente de encontro com situações e modos de viver inusitados, que divergem do nosso próprio modo de viver. É nesse contato com a diferença que podemos crescer, respeitar e experienciar processos que nos deslocam e que nos tornam também sujeitos dos acontecimentos.

O simbólico na cidade

Os espaços educam. Espaços criativos geram pessoas criativas. Nossa paisagem faz parte do que nós somos. A cidade construída a partir de uma lógica funcionalista mecaniza a vida, sem deixar espaço para a construção criativa de um imaginário livre. Por monumentos e espaços que sejam instigantes e que não representem a cultura da militarização e do poder. Por espaços que não oprimam, mas que libertem e estimulem a experiência e a experimentação.

Viva a borda!

Desloque o centro

Uma cidade inclusiva deve proporcionar a todos modos de locomoção fáceis e ágeis, para que assim as distâncias não sejam um impedimento para a circulação. As cidades devem incluir as periferias. Todos têm direito à experiência da cidade. Deslocar espaços e acontecimentos e garantir o direito à circulação de todas as pessoas.

Em defesa do ócio.

Por uma cidade lenta

O mundo de hoje parece se sustentar da ideia de que a velocidade é uma necessidade e a pressa uma qualidade. Vivemos em uma sociedade que exalta a instantaneidade em todos os processos, na transmissão de informações e na obtenção de resultados em vários meios e sentidos.

As cidades reproduzem muitas vezes esse ideário dominante da velocidade, e isso transparece no espaço público como limitação da experiência do tempo. As cidades em geral não possuem espaço para o ócio, a contemplação, ou para a perda de tempo. Os espaços urbanos são quase sempre lugares de pressa, onde o tempo precisa estar otimizado.

O tempo é o nosso bem mais precioso, não seremos livres enquanto não o controlarmos. Parece que vivemos em um futuro constante, sem passado e sem presente. A pressa gera uma epidemia de ansiedade.

Cidadãos ou consumidores?

Vivemos em um momento em que podemos perceber a tentativa de mercantilizar todas as instâncias da vida. A mídia e a cultura capitalista formam consumidores em vez de cidadãos. Incentiva-se o consumo de coisas supérfluas de tal forma que elas passam a nos parecer imprescindíveis. Construiu-se a ideia de que só é possível ser feliz se você consome certos produtos. Esses desejos produzidos pela publicidade não correspondem aos reais desejos das pessoas.

Contra os shoppings

O shopping é um templo do consumo, com atmosfera controlada, onde aparentemente não existe pobreza ou tristeza. As vitrines das lojas se tornam objetos de adoração. Pais que levam seus filhos aos shoppings em vez de levá-los aos parques estão produzindo futuros consumistas, pois desde cedo as crianças desenvolvem a ideia de que comprar é uma diversão.

Contra a cultura do consumo e as praças de alimentação. Os shoppings fortalecem a cultura do medo, afastam as pessoas da esfera pública. Esvaziam as ruas e reduzem os momentos de sociabilidade a momentos de consumismo. Ar-condicionado, ambientes condicionados, pessoas condicionadas. A experiência do tempo desconectada do ambiente natural. Agora é dia ou noite? Você está em Belo Horizonte, São Paulo, Miami ou Bombaim?

Contra a publicidade

O imaginário coletivo está colonizado pela publicidade. Os espaços públicos e os meios de comunicação são cada vez mais ocupados pela publicidade. A propaganda não pode ter hegemonia no discurso sobre tudo. Só quem tem dinheiro para comprar espaços publicitários e editoriais é que pode ter voz? Não acreditamos nisso. A arte pode criar um contraponto às imagens estereotipadas da publicidade, que geram valores e uma estética baseada no consumo. Múltiplas vozes, múltiplas formas de expressar pensamentos múltiplos. Por uma cidade múltipla e voltada para o coletivo.

Por uma arte não corporativa

A domesticação da arte é também uma domesticação da vida. Hoje os setores de marketing das empresas são os responsáveis por decidir sobre o financiamento de grande parte dos projetos artísticos e culturais. Não podemos deixar que a mentalidade corporativa defina os rumos e a identidade estética de um país.

Contra a cooptação da criatividade

A noção de “cidade criativa” tem sido usada para maquiar grandes empreendimentos imobiliários e justificar transformações que visam atender apenas a interesses econômicos de investidores e empreiteiras em detrimento da população. Do outro lado, manifestações espontâneas e criativas sofrem repressão policial ou perseguição política. Cidades realmente criativas devem ser povoadas de invenção, e de um comportamento crítico que perceba essa realidade e a transforme com engajamento e alegria. Cada um e todos juntos somos responsáveis pelos rumos da cidade. Não queremos uma cidade para grandes eventos. Queremos uma cidade em que todos vivam bem.

Por uma arte de conexão

A arte completa a necessidade criativa que existe em todas as pessoas. Acreditamos que a arte é uma forma de comunicação potente que pode servir para reconectar as pessoas aos seus processos cognitivos mais profundos e sensíveis. Além de criar conexões entre as pessoas e seus espaços. A arte pode ser um meio de gerar pensamento crítico e criativo. A arte é potente e pode ser simples. Existe muita beleza na simplicidade. O excesso de teorização impede a aproximação das pessoas da arte. A arte não precisa de textos incompreensíveis. Não deve ser restrita a poucos iniciados. A arte é construção criativa e poética e deveria fazer parte da vida de todos.

Por uma educação do olhar

Educar o olhar e os sentidos para aprender a ler imagens e vivenciar os espaços criticamente. Ver e pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Ir além das aparências. Precisamos aprender a ver, imaginar. Ocupar de modo poético e inventivo o imaginário urbano. Construir outras possibilidades por meio da imaginação. Criar novas maneiras de pensar as cidades e agir em seus espaços. Trazer o campo simbólico e imaginário para o real. Precisamos criar lugares para os sonhos.

Por uma profundidade cotidiana

Por uma construção social dos espaços. A cidade pode nos ensinar por meio da experiência coletiva. Nosso cotidiano precisa ser vivenciado de forma livre e poética, para nos conectarmos ao presente e experienciar o aqui e o agora. Através do que sentimos, nos transformamos. Por uma arte que se instala nos momentos ordinários.

Verde que não te quero cinza

A natureza faz parte de nossa constituição. Se percebemos que as cidades atuais estão nos adoecendo, temos o direito de mudá-las. Antes que árvores centenárias sejam cortadas. Antes que áreas de preservação e nascentes virem condomínios ou áreas de mineração. Antes que a cidade fique ainda mais seca e quente.

Precisamos de ar puro para respirar. Precisamos de silêncio e lugares sem velocidade, onde podemos aproveitar o simples fato de existir. Queremos parques e jardins por toda parte. Menos carros, mais árvores. “Mais amor, menos motor!”. A cidade deve proporcionar prazer.

Por uma cidade-festa

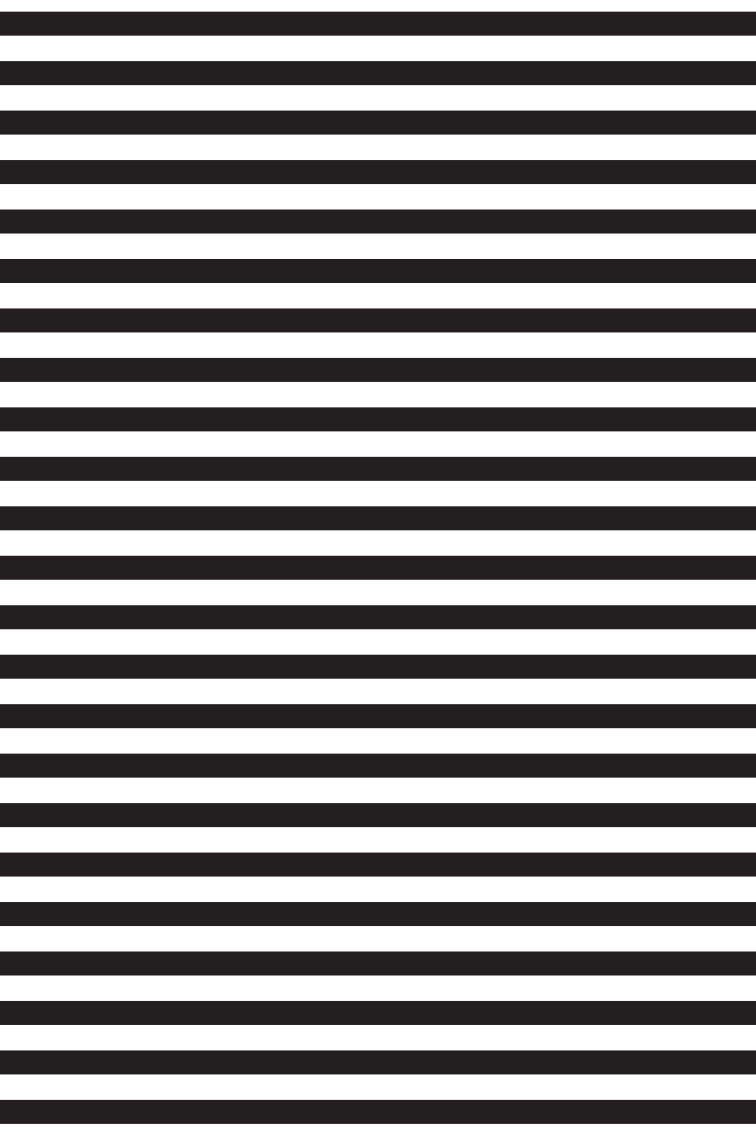
Feiras de rua, jardins comunitários, hortas urbanas, ruas arborizadas, piqueniques, conversas na calçada, intervenções poéticas, ruas para dançar. Sem atropelos, com pessoas e bicicletas circulando pelos bairros. Por uma relação próxima entre as pessoas e a cidade. Pela redescoberta de praças, parques e praias. Pelo uso do espaço público como lugar de troca, festa, manifestação e encontro.

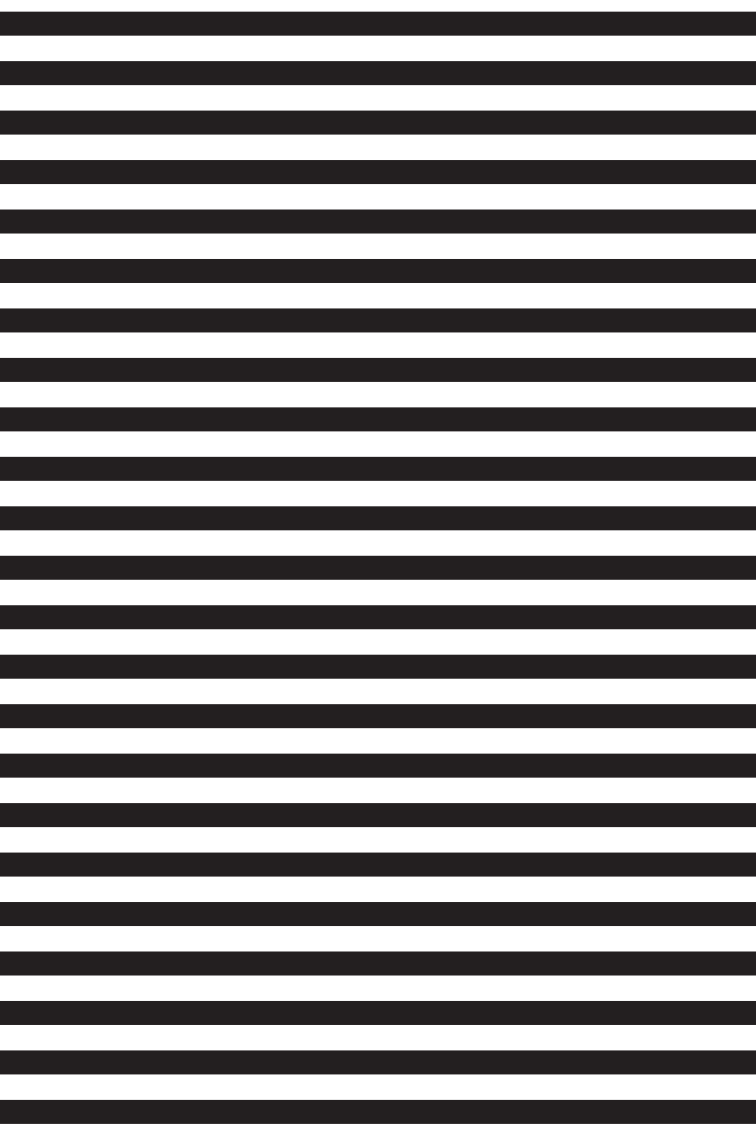
Todos devem participar da construção da cidade. Por uma cidade lúdica e coletiva!

ORGANIZAÇÃO, TEXTO E PROJETO GRÁFICO:
Poro (Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!)

REVISÃO:
Lorena Vicini

www.poro.redezero.org
poro@redezero.org





Poró é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 realizando intervenções urbanas e ações efêmeras que procuram levantar questões sobre os problemas das cidades por meio de uma ocupação poética e crítica dos espaços.

www.poro.redezero.org